

Autoimagem e autoestima de uma mulher gorda em um contexto gordofóbico: análise de experiências constitutivas no seu círculo de convivência

Esther Silva Rosa Viana¹, Julia Reitz², João Marcos de Assis³ e Luiza Della Giustina da Correggio⁴

¹⁻⁴ Graduandos de Psicologia, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo

O presente artigo teve como interesse promover uma observação dos fatores e experiências constitutivas da autoimagem e da autoestima de uma pessoa gorda no seu ciclo social, por meio da observação de cenas da série “This Is Us” (2016) que envolvem a personagem Kate Pearson ao longo da sua vida, com foco no período da adolescência como pano de fundo do desenvolvimento da autoimagem e autoestima. Para isso, foram contempladas três categorias de comportamento: gordofobia, parentalidade de filhos gordos e autoestima e autoimagem, as quais, por meio da sua descrição e identificação, embasaram a análise de como se articulam estes conceitos. Ainda, buscou-se compreender as implicações dos fatores culturais, psicológicos e sociais na construção da subjetividade da pessoa gorda, em especial na temática da constituição da autoimagem e do autoconceito, a partir de uma experiência atravessada pela gordofobia. Desse modo, concluiu-se que algumas vivências, principalmente a gordofobia, são negativas para o entendimento da pessoa gorda acerca de si mesma, tanto em sua imagem corporal quanto no valor que ela atribui a si mesma. Consequentemente, tais experiências e seus respectivos impactos no sujeito influenciam os comportamentos e relações do indivíduo consigo mesmo, com os outros e com o mundo material à sua volta. Ainda, as relações estabelecidas no ambiente familiar, escolar,

profissional e de lazer constituem possibilidades de espaços atravessados por violência e discriminação, tanto veladas quanto explícitas, as quais, por sua vez, impactam profundamente a saúde mental das pessoas gordas.

Palavras-chaves: gordofobia; autoimagem; autoestima; parentalidade; desenvolvimento; ciclo familiar.

Introdução

A obesidade é uma condição corporal cada vez mais presente na atualidade, compondo, entre sobrepeso ou obesidade, 62,5% dos adultos, sendo o continente americano aquele cujos números são os mais significativos (Organização Mundial da Saúde [OMS], 2021). Dessa forma, os dados apresentados refletem a presença indiscutível da população gorda e, conseqüentemente, a necessidade de debater as questões que as atravessam. Assim, quanto à relevância social da problemática referente ao tema “identidade e construção da autoimagem de um corpo gordo”, compreende-se a vulnerabilidade que esta constituição corporal confere aos sujeitos nas esferas biopsicossociais em uma sociedade gordofóbica, especialmente no desenvolvimento da autoimagem. Ao adentrar os temas referentes à psicologia, entende-se que existem relações substanciais entre a obesidade e sofrimento mental, como por exemplo, o transtorno de compulsão alimentar, transtornos depressivo e bipolar, esquizofrenia, etc. (Manual Diagnóstico de Transtornos Mentais, 2014). Desse modo, visto que, de alguma forma, a obesidade se revela relacionada à saúde mental, e tendo ciência da importância da autoestima e autoimagem para este tema, é fundamental investigar como estes se constroem tendo o corpo gordo como ponto de partida para a subjetivação do sujeito. Para abordar a temática, além da perspectiva subjetiva do tema em questão, considera-se essencial na discussão o viés social: o fato da pessoa gorda ser estigmatizada e inferiorizada

pelos discursos sociais vigentes, os quais conferem a ela o local de vulnerabilidade que esta ocupa nas mais diversas esferas. Além disso, compreende-se que há poucas produções científicas que analisam especificamente o comportamento e as intersecções entre a subjetividade e os discursos sociais perante o corpo gordo.

Segundo a OMS, como citado por Anjos (2006), a obesidade e o sobrepeso se dão pela medida do Índice de Massa Corporal (IMC), de forma a quantificar o grau de risco deste corpo frente a doenças cardiovasculares, diabetes tipo II, câncer, entre outras. Tendo isso em vista, é importante salientar que este é um caráter biomédico para a classificação da obesidade, a qual, inclusive, é considerada como doença pela OMS (Anjos, 2006). Contudo, o próprio conceito de saúde, que vai ao encontro de Rangel (2018) e Anjos (2006), é difuso e amplo ao tratar desta como completo bem-estar físico, mental e social. Assim, as Ciências Sociais trazem outras considerações acerca da constituição e classificação do corpo gordo. Para Rangel (2018), a relação social que o corpo estabelece com a sociedade é crucial para o entendimento de si. Dessa forma, a falta de acessibilidade e a dificuldade de se inserir nos mais diversos espaços por conta do tamanho do corpo - ambientes de lazer, cujas cadeiras não são projetadas para pessoas gordas, serviços médicos, odontológicos e outros - demarcam o local do corpo gordo a partir do viés da exclusão. Ainda, Diniz (2007) pontua que a falta de acessibilidade e exclusão está na forma como a sociedade enquanto estrutura física, relacional e simbólica se relaciona com o corpo, e não neste em si.

A partir dos estudos da deficiência, Mello (2016) aborda como os ideais gregos de corporalidade, os quais ditam os padrões atuais, sustentam posturas eugenistas e capacitistas, que, em especial, imperam sobre o que os corpos fora desse padrão - negros, indígenas, LGBTQI+s, deficientes e pessoas gordas - são capazes ou não de fazer e ser. Esta regularização se apresenta nas mais diversas esferas da vida humana, caracterizando o corpo

gordo como incapaz de se inserir no sistema de produção, cuidar de si ou de outros e exercer a vida sexual, bem como tudo que a permeia - desejo, reprodução, relações, intimidade, relacionamentos e tantos outros aspectos. Dessa maneira, Melo et al. (2017) ressaltam diversos discursos sociais reforçados pela mídia acerca da pessoa gorda: a ideia de que ela não possui autocontrole, e, por isso, não é confiável - devido à imagem que se tem do gordo como quem quer (e deve) emagrecer, mas não consegue; bem como demais adjetivos pejorativos - assim, pouco associada ao sucesso no trabalho (Hasty, 1998, como citado em Melo et al., 2017).

Acerca da estética, citando De Moragas (1976), tem-se os meios de comunicação em massa no sistema capitalista como responsáveis por produzir desejos, valores, e estilos nos espectadores. Campos et al. (2016) ressaltam que o ideal contemporâneo faz parte do binômio corpo-produto, ou seja, vende-se as sensações e benefícios sociais atrelados a ele. Uma vez que os discursos sociais visam a manutenção da ordem vigente, demarca-se os corpos que são abjetos - seja pela participação estereotipada na mídia, ou a não representatividade - para a produção e reprodução do sistema. Assim, a aparência se tornou moeda de troca para a ascensão pessoal, social, profissional e sexual e o corpo é objeto de consumo (Melo et al., 2017).

O conceito de autoimagem se apresenta como sinônimo de autoconceito que, de acordo com Erthal (1986), pode ser definida como a percepção ou ideia relativamente estável que o indivíduo tem de si mesmo. É o ponto de referência que ele possui para sua maneira de se comportar diante do mundo e para categorizar suas sensações, impressões, ideias e percepções; é a autoimagem que atribui sentido à realidade do indivíduo. Assim, esse autoconceito é produto da relação com objetos e outras pessoas, sendo fortemente influenciado e delineado pela cultura, incluindo suas normas, valores e crenças (Erthal, 1986;

Gouveia et al., 2005). Sendo assim, Bodanese e Padilha (2017) ainda especificam a imagem corporal como constituída pela junção da percepção acerca de si mesmo e de como outras pessoas o veem. Portanto, Erthal (1986) vai ao encontro de Prost (1987) ao colocar o corpo como o lugar da identidade pessoal, de modo que a reverberação dessa corporalidade influencia a subjetividade - sentidos sociais e psicológicos - desses sujeitos: o corpo como a própria realidade da pessoa (Andrade, 2009).

Logo, é evidente que os discursos sociais - constituídos por crenças, valores e normas atribuídos aos diferentes corpos humanos - são parte constitutiva da percepção acerca do próprio corpo e do autoconceito dos indivíduos. Deste modo, a sociedade gordofóbica em seus discursos, ao se desconsiderar as imposições genéticas e biológicas, bem como a pluralidade de corpos e sujeitos, introduz à subjetividade dos indivíduos a busca pela magreza a qualquer preço. Nesse sentido, segundo Brownell (1991), como citado em Azevedo e Morgan (1998), pontuam-se algumas “falsas crenças” que permeiam a busca pelo corpo perfeito, como a noção de que as dietas e exercícios físicos são suficientes para atingir tais padrões - lembra-se, aqui, da forte pressão dos interesses econômicos envolvidos.

A estigmatização aponta para uma forma de desumanização desses sujeitos (Goffman, 1988), a qual Rangel (2018) destaca como uma forma de subjugar o corpo gordo, colocando-o como subumano, ou seja, não passível de amor, carinho, desejo e demais sentimentos positivos que englobam a vivência humana, existindo, apenas, como uma identidade deteriorada. Como colocado por Campos et al. (2016), baseando-se em Goffman (1988), a pessoa que sofre o estigma e opressão, nesse caso aquela que tem corpo gordo, entra em um ciclo vicioso de depreciação pessoal e distorção da autoimagem quando o julgamento alheio é considerado normal e o indivíduo se considera merecedor do preconceito.

Quanto à adolescência, esta se caracteriza, de acordo com Alves (2008), como um período em que o indivíduo busca referências externas para a construção da autoimagem, que envolve as expectativas que o adolescente elabora com base em um modelo idealizado de corpo perfeito exposto socialmente. Desse modo, os rótulos e discursos sociais negativos dirigidos ao mesmo são extremamente prejudiciais à formação da identidade - por isso, é um período no qual o indivíduo, muitas vezes, percebe a autoimagem corporal de forma distorcida e negativa, especialmente quando as expectativas são frustradas perante às formas reais que o corpo em transformação adquire (Andrade, 2009). Alves (2008) também pontua que, se a autopercepção for estigmatizada e oprimida, pode ter efeitos negativos na vida adulta, acarretando em consequências para sua saúde mental e física, sendo fator de risco para a depressão, ansiedade, abuso de álcool e drogas, transtornos alimentares e sofrimento mental, entre outros (Cordas, & Ascencio, 2006, citado por Sarmiento et al., 2010), além do envolvimento em atividades físicas intensas e exacerbadas (IBGE, 2009).

Além disso, a parentalidade se revela fundamental no desenvolvimento da autoestima do adolescente. Pode-se defini-la como um estado ou condição de quem se assume como pai, mãe ou cuidador de uma criança, tendo responsabilidades em sua sobrevivência e desenvolvimento em um ambiente seguro, com foco em preparar a criança em questão para a autonomia e possíveis questões de nível físico, econômico e psicossocial (Silva & Vieira, 2018). Assim, Alves (2008) coloca a família como um dos principais modelos para o adolescente, sendo facilitadora para a construção da autoimagem, ao servir como uma das referências para a construção da personalidade, ideias e propósitos do indivíduo - quanto mais a família for participativa, maior a probabilidade do adolescente desenvolver-se de forma saudável. Nesse sentido, entende-se a importância da relação entre o responsável e a

criança/adolescente, uma vez que nessa dinâmica podem-se criar memórias, laços afetivos e dinâmicas que darão base à vida adulta.

Contudo, Venturini (2000) pontua que as crenças da família relacionadas ao peso possuem impacto significativo nas desordens alimentares da criança ou adolescente em questão, por englobar atitudes sociais relacionadas ao ensino de idéias distorcidas sobre regulação alimentar e padrões de peso corporal. Igualmente, o Periódico *Psychological Science*, da *Association for Psychological Science* (2017) afirma que, quando pais rotulam os filhos como acima do peso, as crianças têm mais chance de ganhar alguns quilos a mais; além disso, ressaltam que é preciso não tornar o assunto algo obsessivo - colocá-lo a todo momento em pauta - por ser prejudicial ao ser em desenvolvimento. Dessa maneira, a forma como a família lida com o sobrepeso infanto-juvenil influencia tanto na dimensão física quanto psicológica da criança.

Tendo em vista as questões discutidas anteriormente, é evidente que pessoas gordas e obesas são mais vulneráveis em termos de saúde mental, definida pela OMS (2013) como um bem estar no qual o indivíduo desenvolve suas habilidades pessoais, consegue lidar com os estresses da vida, trabalha de forma produtiva e encontra-se apto a dar sua contribuição para sua comunidade; é relacionada à forma como uma pessoa reage às exigências, desafios e mudanças da vida e ao modo como ela harmoniza suas ideias e emoções e, nesse contexto, sua relação com o corpo gordo. Nesse sentido, Azevedo e Morgan (1998) apontam que estados de insatisfação com o próprio corpo, juntamente com frequentes dietas restritivas para perder peso, também são fatores de risco para o desenvolvimento de transtornos alimentares, sendo o fator aumentado em até oito vezes entre indivíduos que seguem dietas (Patton, 1992). Keller e Stevens (1996), também pontuam para a relação entre obesidade infantil e altos níveis de sofrimento emocional e psíquico. Ademais Paim (2019) ao estudar o

ativismo gordo, entende a gordofobia como responsável pela invisibilidade e demais exclusões das pessoas gordas em todas as esferas: social, relacional, profissional e etc.

Compreendendo os conceitos relacionados às esferas biopsicossocial do corpo e da subjetividade gorda, Wann (1999, como citado em Vasconcelos et al., 2004) ressalta que, apesar da superstição criada em torno da gordura, o corpo gordo pode ser saudável, ser amado, ter um emprego e uma vida sexual satisfatória, de modo que o grande fator de adoecimento dessas pessoas não é a gordura em si, mas a opressão e as barreiras sociais, as quais resultam no estresse que estes são submetidos. Por fim, busca-se, então, compreender as experiências constitutivas da autoimagem e autoestima da pessoa gorda no seu círculo de convivência, a fim de caracterizar os aspectos culturais, interpessoais e sociais que influenciam na autoimagem e autoestima da pessoa gorda; identificar como a gordofobia afeta negativamente a vida da pessoa gorda, e descrever como a parentalidade influencia na autoimagem da pessoa gorda. Para isso, será analisada a personagem Kate, da série *This is Us*, da emissora NBC, estreada no dia 20 de setembro de 2016, sob a direção de Dan Fogelman, frente às vivências que influenciam na autoimagem de seu corpo, em diálogo com sua saúde mental.

Método

Para uma melhor compreensão acerca dos elementos que orbitam a temática deste artigo, utilizou-se o método de observação sistemática direta e não-participante para a observação e descrição das cenas da série *This is Us* (2016). A série narra as vivências de uma família interracial composta por um pai branco, uma mãe branca e três filhos de mesma idade, sendo dois destes biológicos e irmãos gêmeos bivitelinos - Kevin e Kate - e um menino negro adotado, Randall. A série faz um apanhado das situações vividas por cada filho na fase adulta com reminiscências de experiências significativas da infância deles, de modo a

constituir um amplo material para análise das experiências constitutivas da autoimagem de uma pessoa gorda em seu círculo de convivência.

Participantes

O foco da análise será na personagem Kate Pearson, devido ao fato de as vivências e problemáticas envolvendo a personagem estarem alinhadas com o escopo temático abordado no presente artigo.

Kate Pearson

Kate é uma mulher de aproximadamente 36 anos, pele branca clara, cabelos castanhos escuros e olhos verdes. É filha do meio de Jack e Rebecca Pearson, e também irmã de Randall e Kevin, sendo este seu irmão gêmeo. Quanto a sua personalidade, a personagem apresenta, na maioria dos episódios da série, humor mais deprimido e postura mais retraída frente às situações vividas, com eventuais comportamentos explosivos e irritadiços. Contudo, é amorosa e dedicada à família e àqueles à sua volta. Ao longo de sua trajetória vivencia problemas em relação aos seus hábitos alimentares, seu corpo gordo e, mais tarde, sua autoimagem. Após deixar de ser empresária de seu irmão, Kevin, a personagem batalha por uma carreira como cantora, um sonho de infância da personagem, do qual desistiu após a morte traumática de seu pai. Além disso, Kate apresenta uma forte ligação com seu pai, diferentemente da relação conflituosa com sua mãe. Ela também é casada com Toby Damon, homem branco gordo, e com quem teve seu filho, Jack Damon.

Categorias de comportamento

Para a realização da análise foram construídas três categorias de comportamento, uma vez que estas são imprescindíveis para o entendimento mais aprofundado das experiências construtivas da autoimagem e da subjetividade de uma pessoa gorda no seu círculo de

convivência. Assim sendo, serão utilizadas como categorias: gordofobia, a parentalidade de filhos gordos e a autoestima e autoimagem.

Gordofobia: É o preconceito, estigmatização e exclusão sistemática de pessoas gordas na sociedade, além da desvalorização, estigmatização e hostilização do indivíduo considerado gordo (Isaia, 2015). Esta pode ser propagada, ainda, "por meio de agentes sociais, midiáticos, culturais e médicos, perpetuando padrões corporais considerados aceitáveis e valorizados, assumindo o corpo um valor moral" (Araújo, 2017, citado por Mariano, 2019, p. 5). Comportamentos relacionados à gordofobia podem ser entendidos como explícitos, a exemplo de xingamentos em relação ao corpo da pessoa gorda, relacionando-o a algo monstruoso, animalesco (como baleia, porco, orca) e sujo, tal qual objetos como botijão de gás, rolha de poço, pneu de trator, bola, balão etc; olhares de desaprovação, desgosto ou menosprezo na direção de ou sobre pessoas gordas; gestos e expressões faciais que indicam sobrepeso e referências aos adjetivos pejorativos. Pontua-se também expressões que envolvem eufemismo (rechonchuda, grande, larga, com ossos largos) e são empregadas no diminutivo e com viés infantilizador, como fofinho(a), cheinho(a), grandinho(a) etc. A gordofobia velada observa-se na exclusão e ostracismo de pessoas gordas de grupos de convivência e amigos, a vergonha em relação à companhia de pessoas gordas, os comentários intrusivos e não solicitados sobre peso, dieta, saúde e o tamanho dos corpos, além de questões relacionadas ao mercado de trabalho, vida pessoal e parentalidade como dúvidas sobre a competência da pessoa gorda, o seu caráter, disciplina, responsabilidades e capacidades. Na mídia, o corpo gordo sendo vinculado a esses mesmos adjetivos aparecem, tanto em relacionamentos românticos onde uma pessoa magra está com uma gorda e sofre com isso, colocando os gordos como indesejáveis, difíceis de lidar, invasores de espaços físicos de magros - em ônibus, carros e demais ambientes públicos.

Autoestima e autoimagem: É a capacidade humana de refletir sobre si próprio, descrevendo, julgando e avaliando a si mesmo, assim como seu próprio valor. É a opinião, positiva ou negativa, que cada um tem e constrói de si mesmo. Pessoas com autoestima e autoimagem positivas geralmente apresentam comportamentos de autopreservação (por exemplo, quando criticado negativamente, isso não desfaz ou quebra a imagem positiva que tem de si mesma, ou diminui o valor que a pessoa atribui a si mesma; o indivíduo consegue responder a situações de ameaça ao seu autoconceito de forma a preservar-se, sem, para isso, ter que depreciar o outro) e autocuidado (o indivíduo conhece e respeita seus desejos, necessidades e limites, bem como age em prol do cuidado com seu corpo, mente e relacionamentos), ao passo que possuem apreço por si mesmas, confiam em sua própria capacidade e valorizam seus atributos de forma equilibrada e condizente com a realidade (ou seja, valorizam suas capacidades, atributos e características únicas, ao mesmo tempo que estão cientes de suas limitações e erros, e os consideram parte da vida humana; sabem encarar e aceitar tanto seus erros quanto acertos). Indivíduos assim podem, também, evitar a comparação depreciativa com a vida alheia, valorizando suas próprias diversidades físicas e de personalidade, assim como as diferentes experiências pelas quais passaram; possuem também uma postura de auto compaixão. Assim, o valor e o conceito que essas pessoas têm de si mesmas não são facilmente destruídos nem totalmente dependentes das circunstâncias externas.

Parentalidade de filhos gordos: É definida como um estado ou condição de quem se assume como pai, mãe ou outro de um menor de idade, tanto por ligação biológica quanto outros laços afetivos, tendo responsabilidades parentais. Comportamentos relacionados à parentalidade englobam posturas de cuidado e promoção da integridade física, como garantir que se tenha uma moradia, acesso à saúde, alimentos, educação, cuidados relacionados ao corpo e aos direitos humanos fundamentais. Quanto aos comportamentos relacionados à

esfera emocional e psicológica: garantia de segurança, apoio, carinho e estruturas necessárias para o desenvolvimento. Há, também, a transmissão da educação moral como o ensino de valores, crenças, objetivos a alcançar na vida, esquemas de mundo e grande parte da apreensão sobre o seu entorno e si mesmo - o que é bom, o que é tabu, o que é nobre, o que deve ser prioridade, entre outros. Em relação aos que exercem essa função com filhos gordos, quanto a visão destes corpos é negativa, estão presentes ações de manutenção e vigilância do peso da criança constantemente: preocupação com dietas, cobrança excessiva em exercícios físicos e na regularidade da alimentação. Nestes casos, a criança tende a, de fato, engordar ainda mais. Quanto à parentalidade positiva em relação ao corpo, os cuidados com o corpo e estética se assemelha ao de filhos magros: preocupação com a saúde de forma não exagerada e vigilância do peso de forma não estética.

Resultados e discussões

Em termos gerais, nota-se que a vivência de Kate é atravessada por questões quanto ao seu corpo em todas as fases da vida. A gordofobia sofrida pela personagem e a construção de uma autoimagem negativa na infância e adolescência perduram na adultez na sua constante tentativa de emagrecimento e não aceitação de sua imagem corporal. De forma mais específica, buscou-se cenas da série que abordam a discussão do tema da construção da autoimagem de um corpo gordo, bem como temas adjacentes: vivências de gordofobia, parentalidade de filhos gordos e autoimagem e autoestima na infância, juventude e adultez da personagem.

Gordofobia

Como pontuado por Rangel (2018), a gordofobia é o preconceito e a exclusão sistemática de pessoas gordas da sociedade. A personagem Kate vive determinadas

experiências de discriminação ao longo da série, tanto quando criança na interação com seus pares, quanto adulta em locais públicos e a trabalho, as quais implicam em situações de constrangimento para a personagem, reforçando os estereótipos gordofóbicos atribuídos às pessoas gordas. Sobre as barreiras sociais e estruturais da sociedade gordofóbica, Rangel (2018) aponta que a inacessibilidade é uma delas, de forma que a sociedade não é projetada para a completa participação das pessoas gordas, como é observável na terceira cena da quarta temporada.

Kate participa de um jantar de negócios do esposo em um restaurante, e, ao perceber que o banco é muito pequeno, ele pede outra mesa com o pretexto de passar muito vento no local. Os convidados, insensíveis a demanda da personagem, não entendem e insistem na mesa atual, e Kate desabafa: "na verdade ele está perguntando porque eu [pausa na fala] não caibo no sofá", e logo em seguida acrescenta: "eu deveria vir com um aviso: contém momentos constrangedores".

Esta acessibilidade nega o lazer e a convivência social, o acesso à saúde, transporte, educação e outros, o que, por sua vez, confere às pessoas gordas um local de marginalização, inferioridade e descaso. Desse modo, entende-se como a construção social tanto espacial e física, quanto simbólica e relacional apontam para a exclusão de pessoas gordas (Rangel, 2018), o que, por sua vez, reverbera nas dimensões subjetivas destas: a quem o acesso a determinados locais da sociedade é dificultado ou negado, nega-se também a existência subjetiva aos sujeitos que habitam estes corpos. Há, neste processo, um reducionismo da pessoa para apenas um corpo gordo - reverberações da desumanização (Goffman, 1968). Dessa forma, um restaurante que não foi pensado para pessoas gordas nega a legitimidade da existência desses indivíduos na sua inteireza humana; Kate, nesta cena, reduziu sua identidade complexa como mulher, mãe, cantora e outras para ser a cliente e esposa gorda que reivindicou outro assento. Ademais, esta situação também aponta para o status que estes estabelecimentos buscam reforçar com o público, no sentido de reafirmar-se como um local

de pessoas magras, bem sucedidas, atraentes e todas as características culturalmente desejadas.

Experiência parecida também é representada no oitavo episódio da primeira temporada,

Kate compra duas passagens de avião pois a poltrona individual não é projetada para seu corpo - não a comporta -, e, ao se aproximar de seu assento, recebe olhares hostis da passageira ao lado, de modo que Kate aparenta estar desconfortável e constrangida. Ao perceber os olhares, ela explica que reservou os dois assentos.

Novamente, Kate é colocada em situações onde precisa reivindicar seu espaço de direito e explicar-se quanto ao seu corpo, no caso, se ela caberá ou não em apenas um assento, e, outra vez, tem sua presença reduzida ao seu peso. A gordofobia, portanto, coloca os sujeitos gordos em uma posição de vulnerabilidade, de modo que, ao sofrer preconceito e passar por situações desconfortáveis, a pessoa se afasta do convívio social, como é visto na primeira cena citada através da frase "*eu deveria vir com um aviso: contendo momentos constrangedores*". A fala de Kate também atenta para o fato de que a tripartite gordofóbica atribui a pessoa gorda a única e exclusiva responsabilidade pela sua condição (Paim, 2019), como visto quando Kate atribui a si a culpa pelo momento desagradável no restaurante e no avião, e não a forma como a sociedade se organiza a fim de limitar ou vedar sua existência nestes espaços.

Portanto, a partir do entendimento do corpo como a materialidade do eu, a gordofobia ao subjugar, excluir e difamar o corpo gordo, o faz com as subjetividades que os compõem também (Erthal, 1986), de forma a macular a percepção de o sujeito tem de si mesmo, bem como o valor que atribui a si e demais aspectos da autoestima e da autoimagem. Quanto à exclusão social e a estigmatização desde a mais tenra idade, vê-se a cena pertencente ao quarto episódio da primeira temporada:

Kate quando criança, estava em torno da piscina pública de sua cidade, com o seu novo biquíni rosa e anda em direção a duas meninas magras e brancas que estão em

pé, também de biquínis e diz, com a voz elevada e energética: Oi gente, vocês querem brincar de sereias? As meninas a olham, com a postura ereta e entregam um bilhete, e uma delas diz: “isso é de todas nós”, depois viram as costas e vão embora. A cena corta. Kate está sentada na borda da piscina com os pés na água, sozinha, lendo o papel de guardanapo que foi entregue: “Nós não queremos mais que você brinque conosco. Você nos envergonha”, seguido por um desenho da face de um porco e assinado pelas três meninas.

A cena demonstra uma situação de exclusão social da criança, especialmente por se tratar de um ambiente com roupas de banho, o qual explicita o corpo gordo. Portanto, nota-se como articula-se a gordofobia na sociedade, de modo que o preconceito aqui é reproduzido por crianças, as quais não têm completa ciência do impacto e do que significam seus atos para os outros. Logo, infere-se que esta concepção negativa e gordofóbica acerca das pessoas gordas é transmitida pela cultura e engloba os sujeitos desde que eles nascem, de modo que a mídia, os discursos e as representações sociais convergem para o entendimento do corpo gordo como tal (Rangel, 2018), e, conseqüentemente, a mácula na autopercepção em desenvolvimento na menina. O sentimento pontuado pelas outras garotas vai ao encontro de Melo et al. (2017): a visão do corpo gordo como imoral, vergonhoso e demais adjetivos negativos. Assim como no restaurante, o grupo de crianças não quis ser visto com Kate pois a sua presença prejudicaria o jeito como os outros as veem, o que é explícito no uso da palavra "vergonha". Neste período de crescimento e socialização, entende-se que as meninas querem ser vistas como bonitas e interessantes, afastando-se do local social reservado ao corpo gordo. Ademais, o porco, bem como outros animais, também faz parte deste processo de estigmatização e desumanização as quais estão submetidas as pessoas gordas e que se classifica como gordofobia, a qual, por sua vez, reverbera em processos profundos e complexos na autoestima e autoimagem (Goffman, 1988).

Desse modo, percebe-se que as cenas expressam a presença de comportamentos e pensamentos gordofóbicos em todas as esferas da vida de uma pessoa gorda, ressaltando

adjetivos e estigmas a elas reservados, e aumentando a segregação e afastamento destas pessoas nestes locais e na sociedade como um todo, bem como o prejuízo na constituição da autoestima e autoimagem. A gordofobia, portanto, desumaniza os sujeitos gordos ao reduzi-los ao seu corpo e os nega o direito de estar na sociedade de forma livre e como estes desejarem, bem como legisla e impõe as características e possibilidades a ele reservadas no meio social (Rangel, 2018). Dessa forma, submete-os a situações de discriminação, envergonhamento e enfraquecimento dos vínculos afetivos e profissionais, o que ocasiona profundas reverberações subjetivas para estes indivíduos. Assim, entende-se que o sofrimento psicológico da pessoa com corpo gordo é decorrente destes estigmas sociais e valores ligados à cultura atual e como operam estes meios de opressão. Por consequência, essa pessoa, ao lidar com a exclusão sistemática do seu corpo e subjetividade, desenvolve-se a fim de estar constantemente preparada para lidar com o olhar do outro, seja reafirmando-se enquanto sujeito "*eu não caibo aqui, preciso de outro banco*"; justificando-se "*comprei os dois assentos*" ou retirando-se completamente da convivência social.

Autoestima e autoimagem

Considerando o conceito de autoimagem como a percepção que o indivíduo tem de si mesmo, bem como o ponto de referência que ele possui para sua maneira de se comportar diante do mundo (Erthal, 1986), a observação focada no comportamento da personagem Kate traz à tona os diferentes fatores inerentes à vivência de uma pessoa gorda e revela suas implicações diretas no que diz respeito à autoestima e a autoimagem da personagem. Nesse sentido, um dos aspectos acerca do valor que a personagem atribui a si mesma é demonstrado na seguinte cena, na conversa com sua mãe, referindo-se ao namorado de Kate, Marc:

Kate, adolescente, está na cozinha de sua casa quando sua mãe, Rebecca, entra no cômodo. Kate, pergunta à Rebecca onde estão as chaves da cabana da família Pearson, pois ela e seu namorado, Marc, iriam sair para passarem o fim de semana

na casa. Rebecca, expressando preocupação e hesitação - tom de voz baixo, lento e calmo - fala que não se sente confortável com a ideia de Kate e Marc irem para a cabana sozinhos. Kate, indagando sua mãe, conclui que a mesma odeia seu namorado. Rebecca, tenta se justificar dizendo que não odeia Marc e que entende o que sua filha parece gostar nele. Kate a interrompe e fala que depois de seu pai morrer ela achou que nunca seria feliz novamente. Rebecca, com expressão preocupada e triste, fala que entende Kate, ao passo que a mesma responde em tom alto e forte: "não entende, mãe [olha com testa franzida para o corpo de sua mãe] olhe para você. Você teve rapazes caindo aos seus pés, durante, o que, toda a sua vida?! Marc me ama. E ele é o primeiro cara a se interessar por mim. A primeira pessoa a me olhar dessa maneira".

Tal cena deixa claro que, na perspectiva de Kate, sua condição corporal é um fator depreciativo aos olhares alheios. Essa perspectiva parece revelar muito acerca da imagem corporal de Kate: sendo tal construto parte essencial da autoestima, é construído não só a partir de como o indivíduo se percebe e se sente acerca de seu corpo, mas também de sua percepção de como os outros veem sua aparência física (Bodanese & Padilha, 2017). Dessa forma, o fato de Kate pensar seu corpo gordo como não atraente aos outros, ou indigno de interesse amoroso, reverbera em uma baixa autoestima na personagem, de maneira que ela se submete a um relacionamento amoroso não saudável com Marc - de certas formas, até abusivo - por acreditar que ele ama e dá valor a um corpo indigno de tais afetos. Kate, portanto, acredita que ela, como uma mulher gorda, não merece (ou não conseguiria) um relacionamento melhor do que seu namoro com Marc - um em que ela fosse tratada com respeito, amor e carinho. Kate, inclusive, parece atribuir maior valor a Marc, olhá-lo como superior, pois mesmo ele demonstrando em várias cenas um comportamento desrespeitoso perante ela, sendo inclusive gordofóbico: *durante uma briga dos dois, Marc fala com raiva que nem consegue olhar para a "cara gorda" de Kate.* A personagem parece ainda aceitá-lo e não ver problema em ser tratada assim; ela implora pelo perdão dele, mesmo após a demonstração do comportamento passivo-agressivo e gordofóbico. Assim sendo, as ações de Marc são vistas aos olhos de Kate, estes imbuídos da visão gordofóbica da sociedade que lhe

foi transmitida no seu desenvolvimento, como justas: este é o tratamento digno a pessoas gordas. A personagem, apesar de sofrer os abusos, legitima e minimiza a importância destes por não ver em si a condição de humanidade necessária para reivindicar respeito.

Nesse contexto, é necessário atentar-se ao fato de que a cena relatada acima é datada especificamente da adolescência de Kate. Primeiramente, a adolescência se caracteriza como um período de construção da autoimagem e formação de identidade com base em referências externas, em que os discursos sociais negativos acerca do indivíduo reverberam no processo de forma a, possivelmente, prejudicá-lo (Alves, 2008). De tal maneira, pode-se entender a forma negativa com que Kate enxerga a si mesma ao analisarmos uma das cenas do final de sua infância, em que a personagem é excluída e depreciada por duas meninas magras, que recusam brincar com ela por ela ser gorda e, supostamente, envergonhá-las.

Além disso, a época em que Kate vivenciou sua adolescência - a década de oitenta e noventa - é permeada pela imagem do corpo magro como perfeito, de forma que a visão da personagem representa perfeitamente a visão da época - que ainda hoje persiste -, em que o corpo e a aparência física são vistos como medidas de valor pessoal (Azevedo & Morgan, 1998), e que, possuindo um corpo gordo, a personagem não pode e nem merece alcançar ascensão pessoal, social, profissional ou sexual. Tais discursos sociais presentes na cena e no padrão de beleza da época são repetidos em várias vivências da personagem, de forma direta ou indireta, de maneira que parecem reverberar na construção de uma visão de si mesma negativa e depreciativa na adolescência.

Tal fato é preocupante, visto que a autoimagem e autoestima construídas na adolescência repercutem na vida adulta do indivíduo, de forma que podem resultar em diversos efeitos negativos e comportamentos de auto sabotagem na vida adulta, bem como

consequências para sua saúde mental e física (Alves, 2008). Esse paralelo pode ser facilmente visto na vida adulta da personagem:

Kate aparece olhando tristemente para a geladeira, cujo conteúdo é repleto de bilhetes dela mesma dizendo quais comidas ela poderia comer ou não, quantas calorias havia em certos alimentos e outro repreendendo-se por querer ignorar os bilhetes e comer seu bolo de aniversário. Ela sobe na balança apreensiva, retirando todas as suas roupas e até seus brincos. Mais tarde, Kate vai ao grupo de suporte para pessoas gordas que querem emagrecer.

As cenas da personagem acima demonstram uma certa obsessão por emagrecer e ter um corpo magro, o que evidencia a permanência de uma imagem corporal e autoimagem negativas quanto ao seu corpo gordo. Assim, as vivências de Kate vão ao encontro de Cordas et al. (2006, citado em Sarmiento et al., 2010), cujo estudo aponta para a insatisfação e distorção da autoimagem na adolescência como fatores de risco para a saúde mental, a qual inclui como o indivíduo harmoniza suas emoções e ideias quanto ao seu corpo (OMS, 2013). Ademais, é nítido na série como, de acordo com Goffman (1988), a estigmatização do corpo gordo e suas conotações simbólicas atingem a subjetividade dos indivíduos, como na seguinte cena:

Toby, em seu primeiro dia no grupo de suporte a pessoas gordas, apresenta-se para Kate no final da programação do grupo, e a interação entre os dois aparenta ser agradável - ambos sorriem, conversam sobre os acontecimentos do grupo e riem juntos de suas piadas sobre o grupo. Contudo, Kate fala no final da conversa que não pode se apaixonar por um homem gordo no momento, pois ela vai perder o peso. Passando alguns episódios, nos quais Kate aparece namorando com Toby, ela termina com ele por, ao contrário de Toby, querer perder o peso.

A partir da cena acima, nota-se que o comportamento de Kate é balizado pela autoimagem que tem de si mesma (Erthal, 1986). A personagem, tendo seu corpo estigmatizado e, dessa forma, desumanizado, subjetiva tal processo e parece enxergar a si mesma, de fato, como menos humana. Tal fenômeno é demonstrado na cena, por Kate ter como seu único foco a perda de peso, excluindo as outras facetas da humanidade de sua vida

- como relacionamentos e o amor, por exemplo - reduzindo-a a um corpo gordo que deve se tornar magro. A personagem julga seu corpo como subumano, uma identidade deteriorada (Rangel, 2018), não merecedora de nada além do seu "dever": o emagrecimento. A construção desses fatores, portanto, tão caros à saúde mental, são diretamente influenciados pela necessidade de ter e ser outro corpo, o que evidencia o quão frágeis e negativos são.

Parentalidade com filhos gordos

Na série, é perceptível as diferenças no nível de intimidade que Kate têm em seu relacionamento com seus pais. As vivências e memórias que envolvem seu pai, Jack, são positivas e ternas, indo ao encontro de uma figura de parentalidade que transmite afeto e segurança. Contudo, a personagem tem com sua mãe um relacionamento conturbado, pois, dentre outras questões, a imagem da mãe, uma vez que são as únicas mulheres da casa e são constantemente comparadas, provocou emoções ambivalentes em Kate quando criança, como observado na cena:

Rebecca está saindo do banho de toalha quando Kate, com aproximadamente dez anos, entra e olha para sua mãe com olhar de admiração e a elogia. Rebecca diz que se ela é bonita, Kate também é, pois as duas são parecidas. Pede para que Kate pegue a sua blusa no armário, onde a menina vê o tamanho da roupa da mãe, que é "P", e compara ao tamanho dela, que é "GG", demonstrando decepção ao notar a diferença.

Ao passo que Kate, quando criança, ama e admira Rebecca, nota-se que esta sempre foi um ideal para a garota - boas roupas, corpo magro e padrão, talentosa ao cantar. Assim, a menina se comparava constantemente e via si mesma como inferior por não caber neste ideal, o qual é, em grande aspecto, mediado pela forma física - o gatilho que reverbera o sentimento de decepção na cena é mediado pela peça de roupa. Observa-se que o processo de crescimento e construção da autoimagem de Kate como menina e mulher gorda atualizam

este olhar para a mãe com atravessamentos negativos, de forma que Rebecca é a constante lembrança do ideal não atingido da menina. Uma vez que a representação da mãe como magra, aos olhos de Kate, é vista como perfeita, sua própria corporalidade gorda é evidenciada nesse processo de comparação, considerando ainda o corpo de Kate como uma imagem atravessada pelos estigmas sociais de inferiorização. Assim, a menina se afasta da mãe e dessa lembrança de quem ela não é e gostaria de ser, tornando a relação de ambas mais frágil e conturbada.

Ademais, além de Rebecca representar um ideal não atingido para Kate, seus comportamentos quanto à sua filha também influenciam demasiadamente na imagem que Kate tem de si mesma, assim como seus hábitos alimentares. Venturini (2000) coloca que o comportamento dos pais perante à criança gorda pode produzir um impacto significativo nas desordens alimentares na criança, de forma que o ensino acerca da alimentação e regulação da mesma, ao apoiar-se em crenças disfuncionais dos pais acerca do peso, resulta na imposição de padrões corporais ideais na criança e no fenômeno da gordofobia - a qual, portanto, não se restringe somente à escola ou outros espaços sociais, mas também adentra o próprio círculo familiar.

Ainda, de acordo com o Periódico *Psychological Science*, da *Association for Psychological Science* (2017), quando pais rotulam os filhos como acima do peso, as crianças têm mais chance de engordar. Isso pode ter sido um dos fatores que influenciaram o desenvolvimento físico de Kate, a qual enfrenta, desde criança, muitos problemas de aceitação do seu corpo gordo, além de se sentir rotulada por sua mãe, mesmo que elas não conseguissem conversar sobre tal assunto diretamente. Ademais, os transtornos alimentares podem vir da possibilidade da criança aprender que, como seus pais, ela deve estar

constantemente insatisfeita com sua condição corporal, além da experiência da frequente imposição de dietas restritivas (Azevedo & Morgan, 1998).

Tal fato é demonstrado na série quando Kate recebe um café da manhã diferente e "mais saudável" do que de seus irmãos. A atitude não vem acompanhada de uma conversa ou explicação aberta para a menina sobre a situação, nem de uma mudança dos hábitos alimentares de toda a família. Se, de fato, o problema da família de Kate é simplesmente a saúde da menina, tal preocupação deveria atingir a família como um todo, trazendo para todos os membros da dinâmica familiar novos hábitos alimentares mais funcionais e saudáveis, e não só a criança gorda. Esse comportamento familiar pode ter influenciado os hábitos alimentares e a autoimagem da vida adulta de Kate, na prática constante de dietas altamente restritivas não passíveis de serem cumpridas por longos períodos de tempo, em que ela acaba "caindo" repentinamente para o outro extremo, de comer compulsivamente e em excesso; e na insatisfação constante com seu corpo, ao enxergar-se como apenas uma mulher gorda que deve, mas não consegue, emagrecer.

Ainda, a dinâmica familiar dos Pearson quanto à menina é expressa na série também na forma com que o corpo e o peso dela são quase um assunto velado. Mesmo que não haja uma expressão negativa direta ou muito explícita quanto ao corpo de Kate, o desenvolvimento e construção da autoimagem da menina, ainda assim, é prejudicado: a falta de participação ativa da família nessa questão de forma saudável e positiva - sendo ela crucial para o desenvolvimento da criança (Alves, 2008) - indica um certo "tabu" e desconforto quando o assunto é o peso de Kate. O silêncio perante o assunto também é indicativo da presença de crenças disfuncionais acerca do peso da filha e podem, como colocado anteriormente, influenciar na maneira com que Kate se desenvolve, encara a si mesma e se

comporta quanto ao seu corpo na vida adulta, ainda mais quando os poucos comportamentos verbais sobre seu peso são de cunho negativo e não construtivo.

Desse modo, visto que é nítido que Rebecca não sabe como falar com Kate sobre seu corpo gordo e, quando tenta, acaba tendo comportamentos e falas desagradáveis, de forma que tal comportamento reitera a posição de afastamento de Kate, diminuindo assim ainda mais a abertura que a mãe tem para se relacionar com a filha. Tal fato acontece, por exemplo, quando Kate irá realizar fertilização em vitro, procedimento médico de grande risco, e sua mãe tenta conversar sobre o assunto com a filha:

Miguel [padrasto de Kate] acidentalmente descobre as ampolas da fertilização in vitro na geladeira da casa de Kate e Toby. Rebeca olha para Kate com olhar de desentendida. As pessoas demonstram constrangimento e desviam o olhar. A cena muda e os quatro estão no carro, onde Miguel conta sobre sua colega que teve duas gêmeas por meio da fertilização em vitro. Kate, pergunta para sua mãe “o que foi”, ao passo que de imediato Rebecca nega, depois criando coragem, diz que o processo de procedimento de sua amiga foi muito difícil e que para alguém do “tamanho” de Kate é muito perigoso. Rebecca aparenta tentar arrumar outra palavra para “tamanho”, mas não encontra. Kate olha para baixo, com olhar de negação e tristeza. Ao chegarem na casa de Kevin, Rebecca já entra lendo uma matéria sobre o perigo do procedimento de fertilização para mulheres acima de certo peso para Kate. Kate diz que é algo que ela quer, e que Rebecca deve entender: “bebês são motivos de alegria”. Rebecca reitera que é muito perigoso e Kate pergunta se a preocupação é pelo peso dela, mas ela nega e diz que a filha está distorcendo suas palavras. Kate pergunta por que sua mãe se calou por 20 anos sobre seu peso e está querendo falar agora, além de reiterar o seu desejo por tentar o procedimento. Rebecca diz que não entende onde é que se traça a linha de espaço [entre falar ou não do peso] e Toby grita “cala boca todo mundo”, reforçando que a decisão é dele e de Kate, e que, apesar de todos os especialistas dizerem que é processo perigoso, eles gostariam de tentar.

Logo, percebe-se como a relação de ambas é permeada por questões da autoestima e autoimagem de Kate, principalmente ligadas ao corpo, as quais colocam a personagem sempre em posições defensivas e provocam desentendimento e confusão no relacionamento com sua mãe, ao passo que Rebecca, por sua vez, não compreende o afastamento da filha. Esta questão também é exemplificada em outra cena de Kate criança, envolvendo a música, parte essencial da vida de ambas:

Kate irá cantar em uma apresentação na escola e Rebecca remodela um vestido seu usado na sua primeira apresentação para que Kate consiga usar o mesmo vestido e para que ele lhe dê "sorte". A menina se anima e sobe para vesti-lo e se arrumar para o evento, enquanto sua mãe vai tomar banho. Kate se sente linda pois está usando a roupa de sua mãe e corre ao banheiro para mostrá-lo a ela, quando a encontra no banho cantando. Kate fecha o sorriso do rosto, abaixa a cabeça entristecida e sai do banheiro, decidindo não se apresentar mais naquele dia.

Assim, Kate parece estar sempre presa a um paradoxo quanto sua mãe: ao mesmo tempo que ela a ama e admira como mãe, mulher e cantora, a figura de Rebecca, assim como muitas de suas atitudes e falas, lembra Kate constantemente do seu ideal não atingido, tanto como idealização infantil dos pais quanto dos próprios modelos de mulher e beleza da sociedade, sua insegurança com o próprio corpo, e a faz ressentir-se de sua própria mãe. Por outro lado, Rebecca, que em suas próprias palavras, não sabe como ou quando falar sobre o peso de Kate, retroalimenta diversas vezes a díade do relacionamento conflituoso com sua filha, agindo ainda de forma, muitas vezes, preconceituosa, ou a tornar o peso de Kate um "tabu", apresentado na série de diferentes formas durante as diversas fases do ciclo de vida da família.

Considerações Finais

A partir dos achados na presente pesquisa, entende-se que a opressão e a gordofobia são reproduzidas nas diversas relações dos sujeitos, como na dinâmica familiar, comunitária, interpessoal e com o mundo material, durante todo o desenvolvimento humano, de maneira que as condições àquelas enfrentadas pela pessoa gorda no meio social exercem direta e multifacetada influência negativa na autoimagem, autoestima e relações interpessoais do indivíduo, prejudicando também sua saúde mental.

Dessa maneira, apesar do caráter ficcional da série e das vivências da personagem Kate, a presente pesquisa pode ser considerada relevante, uma vez que a série foi usada como um ponto de partida para discutir aspectos relatados ao longo das diversas literaturas

escolhidas, usadas para o aprofundamento das questões sociais acerca da gordofobia, dos discursos sociais referentes à pessoa gorda e seus consequentes processos de subjetivação, bem como seus efeitos na parentalidade com filhos gordos e na construção da autoimagem dos mesmos. Ainda, em um mundo com grande diversidade corporal e de recortes de raça, gênero, sexualidade, classe, entre outros, mas que ainda exclui e oprime sistematicamente aqueles fora da corponormatividade - nesse caso, a pessoa gorda -, é necessário que haja uma mudança estrutural na forma com que a sociedade afirma e reafirma padrões corporais e juízos de valor perante os mesmos.

Cabe ressaltar também, considerando a realização do artigo, a importância da produção de conteúdo de ativistas gordos na fundamentação da percepção sobre como opera a gordofobia na sociedade - paradigma médico, estético e moral. Quanto à literatura encontrada e o modo de entender e classificar um corpo como gordo, dependendo da área de conhecimento, encontra-se uma perspectiva mais biomédica e quantitativa da gordura, de forma a alinhar o excesso de gordura à falta de saúde e problemas advindos desta (hipertensão, diabetes, doenças cardiovasculares etc). Apesar de reconhecer a importância deste mapeamento dos riscos, entendemos que a discussão do corpo gordo transcende meras questões de saúde, as quais são muitas vezes equivocadamente ligadas à gordura. Como as bibliografias trazidas expõem, este corpo não é necessariamente ligado à falta de saúde, de forma que a experiência gorda é também diversa e multifacetada. Desse modo, com as colaborações destes autores ativistas, bem como os estudos da deficiência, possibilitou-se entender a experiência da gordofobia de forma mais complexa e imbricada às relações sociais que este corpo estabelece.

Ademais, consideramos o corpo gordo como integrante da experiência humana, ou seja, a depender da própria constituição corporal de cada sujeito, bem como momentos de

vida, questões de saúde e demais situações, todos são passíveis de engordar e vir a ser uma pessoa gorda ou obesa, podendo sofrer os preconceitos aqui descritos. Isso posto, as discussões deste artigo são de suma importância para a população como um todo, as quais se beneficiaram de um padrão estético menos restritivo e, muitas vezes, adoecedor, bem como uma visão mais positiva em relação à diversidade corporal e as inúmeras formas de manifestação de beleza na espécie humana.

No que se refere a experiência de contato e estudos com a temática deste artigo, reforçamos a importância deste na nossa formação enquanto psicólogos: tanto no que tange à influência da opressão social na formação da subjetividade do indivíduo, quanto a própria experiência do preconceito sistemático vivido pelos indivíduos gordos - a qual reverbera profundamente na sua subjetividade. Assim sendo, entendemos que é de suma importância que os assuntos examinados e produzidos transpassam os muros da academia e fomentem diálogos com a sociedade em geral. Como futuros psicólogos, compreendemos que é da ética da nossa profissão proporcionar e incitar discussões sobre assuntos caros à subjetividade humana, em especial os que dizem respeito ao bem estar e promoção da dignidade e direitos humanos, a fim de contribuir com mudanças sociais de estruturas que produzem sofrimento.

Por fim, conclui-se que enquanto não prestar-se atenção ao sofrimento e opressão do corpo gordo e não forem colocados esforços em prol das pessoas gordas, padrões de comportamento gordofóbicos continuarão sendo reproduzidos, mesmo que inconscientemente, perpetuando um ciclo cruel de condenação explícita e implícita da pessoa gorda, cuja vida continua, assim, sendo considerada menos digna e sem importância. Ainda, dentre tantos estudos acerca da gordura, todos parecem focalizar somente em um dos aspectos humanos: o biológico, classificando o que é a gordura e suas consequências, o social, acerca das construções sociais acerca da gordura, ou o psicológico, do sofrimento e

baixa autoestima que muitas pessoas gordas enfrentam. Assim, o papel da psicologia em meio à literatura científica vigente, entre tantos outros, é o de exercer um olhar biopsicossocial para a pessoa gorda, buscando reconhecer as três facetas e tratar do problema como ele de fato é - multifacetado, complexo e com uma estreita relação dinâmica entre essas três grandes esferas humanas. Dessa maneira, frente à escassez do assunto sob uma perspectiva integral na literatura atual, em especial na área da psicologia, ressalta-se a importância de pesquisas como essa também como parte do processo de enriquecimento e transformação da problemática, através da melhor compreensão e conscientização da dinâmica gordofobia-autoimagem como um fenômeno grave que merece sua devida atenção e importância - pois, não seria a negligência de uma problemática tão profunda e prejudicial o mesmo que colocar as vidas gordas como indignas de atenção e cuidado, ou seja, legitimar a produção acadêmica como gordofóbica?

Referências

- Alves, G. M. (2008). A construção da identidade do adolescente e a influência dos rótulos na mesma. [Trabalho de conclusão de curso, Universidade do Extremo Sul Catarinense]
<http://newpsi.bvs-psi.org.br/tcc/GabrielaMacileAlves.pdf>
- Andrade, M.R.M. (2009). Prevalência de insatisfação corporal em escolares de Juiz de Fora - MG. <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/3987>
- Anjos, L. A. (2006). Obesidade e saúde pública. *Temas em saúde collection, Fiocruz*.
<https://static.scielo.org/scielobooks/rfdq6/pdf/anjos-9788575413449.pdf>
- Assis, S.G., & Avanci, J.Q. (2004). Labirinto de espelhos: formação da auto-estima na infância e adolescência. Editora FIOCRUZ. doi:10.7476/9788575413333

- Azevedo, A. M. C.; Morgan, C. M. (1998). Aspectos Sócio-culturais dos Transtornos Alimentares. *Psychiatry on line Brasil*, 3(2). <http://www.polbr.med.br/ano98/culture.php>
- Barros, C. A. M. (2009). A construção de uma identidade para o adulto maduro a partir da subjetividade do imaginário social. *Vínculo - Revista do NESME*, 1(6), 79-89.
<https://www.redalyc.org/pdf/1394/139412684008.pdf>
- Bodanese, G. R., & Padilha, M. E. R. (2017). Análise Do Conceito De Autoimagem De Adolescentes No Contexto Escolar. *Psicologia.pt*.
https://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo.php?analise-do-conceito-de-autoimagem-de-adolescentes-no-contexto-escolar&codigo=A1329&area=D4B
- Brownell, K. D. (1991). Dieting and the search for the perfect body: where physiology and culture collide. *Behaviour Therapy*. (22), 1-12.
[https://doi.org/10.1016/S0005-7894\(05\)80239-4](https://doi.org/10.1016/S0005-7894(05)80239-4)
- Campos, S. S., Ferreira, F. R., Carvalho, M. C. V. S., Kraemer, F. B., & Seixas, C. M. (2016). O estigma da gordura entre mulheres na sociedade contemporânea. In S. D. Prado, L. Amparo-Santos, L. F. da Silva, M. G. Arnaiz, & M. L. M. Bosi (Orgs.), Estudos socioculturais em alimentação e saúde (pp. 231-249). Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. <https://doi.org/10.7476/9788575114568>
- De Moragas, M. (1976). Semiótica y comunicación de masas. Península.
- Diniz, D. (2007). O que é deficiência?. Brasiliense.
- Erthal, T. C. S. (1986). A auto-imagem: possibilidades e limitações da mudança. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*. 38(1), 39-46.
<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/abp/article/view/19195/17937>

Ferriani, M. G. C.; Dias, T. S.; Silva, K. Z.; Martins, C. S. (2005). Auto-imagem corporal de adolescentes atendidos em um programa multidisciplinar de assistência ao adolescente obeso. *Revista Brasileira de Saúde Materno-Infantil*, (5), 27-33.

<https://www.scielo.br/j/rbsmi/a/9ZRvdw5wpMkMNxjm3TwyqTq/?lang=pt&format=pdf>

Fogelman, D. (Criador). (2016). This is Us [Série]. Rhode Island Ave. Productions; Zaftig Films; 20th Century Fox Television.

Globo - G1 (2011). Sete em cada dez empresários no Brasil não querem empregar gordos

Edição do dia 28/01/2011 - Link Acesso:

<http://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2011/01/sete-em-cada-dez-empresarios-no-brasil-nao-querem-empregar-gordos.html>

Goffman, E. (1988). Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. LTC Editora.

Gouveia, V. V., Singelis, T. M., Guerra, V. M., dos Santos, W. S., & Vasconcelos, T. C.

(2005). Auto-imagem e sentimento de constrangimento. *PSICO*, 36(3), 231-241.

<https://psycnet.apa.org/record/2006-04107-001>

Instituto Brasileiro De Geografia e Estatística. (2009). Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar. Rio de Janeiro.

Isaia, L. S. (2015). A revolução fashion: os blogs como instrumentos de consolidação da identidade plus size. Dissertação de Mestrado, Mestrado em Comunicação, Arte e Cultura, Universidade do Minho, Portugal

Keller, C.; Stevens, K. R. (1996). Childhood obesity: measurement and risk assessment.

Pediatric nursing, 22(6), 494-499. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/9087086/>

Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-V. (2014). Artmed.

- Mariano, B. (2019). Da Patologização Do Corpo Gordo À Cirurgia Bariátrica: Reflexões A Partir Do Debate Sobre Gordofobia. [Trabalho de conclusão de residência, Universidade Federal de Santa Catarina]
- <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/203904/Artigo%20TCR%20-%20B%c3%a1rbara%20Mariano.pdf?sequence=2&isAllowed=y>
- Mello, A. G. (2016). Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC. *Ciência. Saúde coletiva*. 21(10).
- <https://www.scielo.br/j/csc/a/J959p5hgv5TYZgWbKvspRtF/?lang=pt>
- Melo, F. V. S., de Farias, S. A., Kovacs, M. H. (2017). Estereótipos e estigmas de obesos em propagandas com apelos de humor. *O & S*, 24(81), 305-324. DOI: 10.1590/1984-9230816
- Organização Mundial da Saúde, 2021. Disponível em
- <https://www.paho.org/pt/noticias/5-3-2021-representante-da-opasoms-no-brasil-faz-chamado-acao-para-acabar-com-estigma>
- Organização Mundial da Saúde. (2013). Mental Health Action Plan 2013-2020.
- <https://www.who.int/publications/i/item/9789241506021>
- Paim, M. B. (2019). Os corpos gordos merecem ser vividos. *Revista de Estudos Feministas*. 27 (1). <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2019v27n156453>
- Patton, C. G. (1992). Eating disorders: antecedents, evolution and course. *Annals Of Medicine*. 24(4), 281-5.
- <https://doi.org/10.3109/07853899209149955>
- Prost, A. (1987). Fronteiras e espaços do privado. In A. Prost & G. Vincent (Orgs.), *História da vida privada da 1ª guerra a nossos dias*. (Vol. 5, pp.13-154). Companhia das letras.

Psychological Science (2017). Parents' Perceptions of Their Children as Overweight and Children's Weight Concerns and Weight Gain

<https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/0956797616682027>

Rangel, N. F. de A. (2018) O ativismo gordo em campo: política, identidade e construção de significados.

<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/205904/PSOP0638-D.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>

Sarmiento, A. S. L., Schoen-Ferreira, T. H., Medeiros, E. H., & Cintra, I. P. (2010). Avaliação dos sintomas emocionais e comportamentais em adolescentes obesos. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 10(3), 833-847.

<http://www.revispsi.uerj.br/v10n3/artigos/pdf/v10n3a12.pdf>

Silva, M. L. I. da, & Vieira, M. L. (2018). Relações entre a parentalidade e a personalidade de pais e mães: uma revisão integrativa da literatura. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 18(1), 361-383.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812018000100020&lng=pt&nrm=iso

Vasconcelos, N. A. de, Sudo, I., & Sudo, N. (2004). Um peso na alma: o corpo gordo e a mídia. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, 4(1), 65-93.

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482004000100004&lng=pt&tlng=pt

Venturini, L. P. (2000). Obesidade e Família - Uma caracterização de famílias de crianças obesas e a percepção dos familiares e das crianças de sua imagem corporal.

doi:10.11606/D.59.2000.tde-14112008-174707

